

**RACHILDE: CRÍTICA LITERÁRIA E ROMANCE NO *FIN-DE-SIÈCLE*
FRANÇÊS**Camila Soares López (ILEEL-UFU)¹

Resumo: Rachilde escreveu romances e dedicou-se à crítica literária. Ao final do século XIX, fez parte do *Mercure de France*, revista simbolista francesa, e publicou diferentes obras. Neste texto, apresentamos elementos da escrita e da vida de Rachilde. Concentramo-nos na análise de *Monsieur Vénus*, romance publicado em 1884 e que causou polêmica em seu tempo, e discorremos sobre a rubrica “Romans”, na qual Rachilde apresentou resenhas de livros.

Palavras-chave: Rachilde; Romance; Crítica Literária; *Mercure de France*.

Nascida em 1860, Marguerite Eymery adotou o pseudônimo Rachilde e lançou-se no mundo literário parisiense. Proveniente de família abastada, iniciou-se na atividade escrita muito jovem e obteve reconhecimento entre os agrupamentos decadentistas e simbolistas do final do século XIX francês.

Rachilde criou para si uma existência tão fantasiosa quanto aquela que permeou sua narrativa. Dizia-se descendente de lobos, nascida em condições místicas e agraciada pelo espírito de um desencarnado soldado sueco, de quem recebera a alcunha que a fez famosa. Já na capital francesa, precisou vestir-se como homem para transitar nos espaços então proibidos às mulheres. Vale ressaltar que, na época, para além das amarras sociais, alguns homens da ciência acreditavam que o cérebro feminino era menor do que o masculino, por exemplo. Assim, a atividade escrita de mulheres limitava-se ao “domínio privado, à correspondência familiar ou à contabilidade da pequena empresa” (PERROT, 2007, p.97). Nomes como Michelet, Zola, Baudelaire, Barbey d’Aurevilly e os irmãos Goncourt, entre outros, não “apreciavam” mulheres que escreviam. No *Livre de Masques*, lançado em 1896 para traçar o perfil dos simbolistas da época, Remy de Gourmont afirmou que a incapacidade feminina para a escrita não era “pessoal”, mas “genérica e absoluta” (GOURMONT, 1896, p. 190). Na contramão de tais julgamentos, figuras como Sévérine, Gyp, Dick May e Marcelle de Tinayre conquistaram, ao lado de Rachilde, ainda que a duras penas, seu espaço no campo literário do período.

¹ Graduada em Letras (UNESP), Mestre em Literatura Brasileira (UNESP), Doutora em Literatura Francesa (UNESP). Docente de Língua e Literatura Francesa do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Contato: camila.lopez@ufu.br

Rachilde dedicou-se aos romances e à crítica literária. Fez parte do *Mercur de France*, revista simbolista que rivalizava com as grandes folhas da época, a exemplo da *Revue des Deux Mondes*, e que propôs a apresentação de novas perspectivas nas artes e da literatura. O *Mercur* foi responsável, também, pela edição de diversas obras francesas e estrangeiras, traduzindo para o francês, por exemplo, os escritos de Friedrich Nietzsche.

Nas próximas linhas, discorreremos sobre a escrita da autora, analisando suas particularidades.

Rachilde: romance

Rachilde começou a publicar na década de 1870. Entretanto, alcançou polêmica e sucesso quando do lançamento de *Monsieur Vénus*, em 1884. Por conta dessa publicação, sofreu julgamento na Bélgica. Prefaciado por Maurice Barrès,² que afirmou que a obra se tratava de um “prolongamento” da vida da própria Rachilde, *Monsieur Vénus* trouxe ao público, em narrativa em terceira pessoa, a história de Raoule de Vénérande e Jacques Silvert. O título do livro e nome da protagonista, Raoule, indicam a temática que perpassa essas páginas: a união entre o masculino e o feminino, em alusão à deusa Afrodite, inspiradora do amor e da beleza. A androginia, tema caro aos decadentes, aparece ao longo de toda a obra.

Nessa trama, espaços frequentados por indivíduos socialmente privilegiados são descritos. Raoule de Vénérande é filha de uma família de posses, de quem herdou um luxuoso hotel. Nele, vive em companhia de sua casta tia, Madame Élisabeth de Vénérande, e nutre sua amizade com o Barão de Raittolbe. Longe de tal atmosfera, também marcada por aspectos decadentes, Raoule conhece Jacques, irmão de sua florista, Marie Silvert.

Se Raoule de Vénérande é descrita como “*la nerveuse*” e aparece vestida, na maioria das vezes, em trajes “quase masculinos”, Jacques Silvert é construído de maneira oposta. De personalidade forte, Raoule é a “leoa”, a “amazona” e a “Diana” da narrativa de Rachilde. Seu comportamento, questionador desde a infância, é tido como resultado das desventuras de seus pais, mortos quando ela ainda era uma menina – isto é, suas atitudes seriam uma predisposição genética. Já os aspectos então vistos como “femininos” de Jacques são constantemente ressaltados: tratava-se de um homem florista de 24 anos, habituado a pintar paisagens bucólicas e que se mostrava “fresco e rosa como uma

² Romancista, ensaísta e crítico francês (1862-1923). Também foi político e jornalista. Prefaciou a segunda edição de *Monsieur Vénus*, de 1889.

jovem”. Pudico, vivia ao lado de uma irmã que se prostituía; ambos eram oriundos de um lar precário, marcado pela miséria dos pais e pelo alcoolismo.

No primeiro encontro entre Raoule e Jacques Silvert, aparece o indício inicial do infortúnio dessa relação: o ambiente, sugestivamente alcunhado “Éden”, apresenta odor de maçã, fruta associada ao pecado primordial da humanidade, cometido por Eva, mulher responsável por findar a existência de um aprazível paraíso ao ceder as tentações de uma ardilosa serpente. Ao longo da história, Raoule consegue transformar Jacques em *sua amante*, em situações caracterizadas pelo uso do haxixe e por práticas sadomasoquistas.

O ápice ocorre quando Jacques e Raoule decidem se casar. Na cerimônia, são julgados por convidados e convidadas, cujos nomes são revelados e vemos tratarem-se de figuras importantes para o círculo social construído no livro, denunciando o olhar desses indivíduos diante do feito do novo casal:

Por volta de meia-noite, os convidados do casamento de Jacques Silvert se deram conta de um fato interessante: a jovem noiva ainda estava entre eles, mas o jovem noivo havia desaparecido. Indisposição súbita, vexação de apaixonado, incidente grave, todas as conjecturas possíveis foram feitas entre os familiares, a quem essa união preocupava intensamente. O marquês de Sauvères presumiu que o bilhete de um rival rejeitado havia sido encontrado, sob sua toalha, no início da maravilhosa refeição que lhe fora servida. René afirmava que tia Élisabeth seguiria para a clausura naquela noite e entregaria seus poderes ao esposo (RACHILDE, 1899, p. 207, tradução nossa).

Para Raoule de Vénérande, Jacques, já transformado em “Jaja” – que, segundo Claudine Lecrivain (1988, p. 107) remete à cortesã Nana, de Émile Zola, – seria a “mulher querida”, a “amante adorada” (RACHILDE, 1899, p. 190). Na ocasião do enlace, Madame de Vénérande amaldiçoa a sobrinha, renegando-a e, mais uma vez, reforçando os prenúncios da desgraça que acometeria os recém-casados. Apesar da objeção, a sobrinha mantém-se firme em suas escolhas, mostrando-se contrária aos preceitos de seu tempo:

Raoule, com a ponta de seu indicador, acariciava seus traços regulares e seguia o arco harmonioso de suas sobrancelhas.

- Sim, nós seremos felizes aqui e não é preciso deixar este templo [quarto de Raoule] por muito tempo, para que nosso amor penetre cada objeto, cada tecido, cada ornamento de carícias loucas, como esse incenso penetra com seu perfume todas as cortinas que nos envolvem. Nós havíamos decidido viajar, não o faremos mais; não quero fugir da impiedosa sociedade, da qual sinto aumentar o ódio por nós. É preciso lhes mostrar que somos os mais fortes, porque nos amamos...” (RACHILDE, 1889, p. 218, tradução nossa).

Para Raoule, a satisfação de tornar Jacques Silvert em seu objeto de afeição – com contornos femininos – ganha um ato inesperado. A partir dessas mudanças, Jacques começa a questionar a sua própria identidade, afirmando, por exemplo, detestar as mulheres. Desesperado, oferece-se ao Barão de Raittolbe, que o rejeita e humilha. Agredido, é forçado por Raoule a duelar com o Barão. O combate é fatal para Jacques; o barão parte para o exílio no continente africano. Restam para a jovem Vénérande e seu hotel apenas um Eros de Mármore – o filho da Vênus, – um manequim “fabricado por um alemão”: cabelos ruivos, com dentes e unhas que foram arrancados de um cadáver (RACHILDE, 1889, p. 258), em clara associação à figura de Frankenstein, personagem de Mary Shelley que também traz questionamentos quanto ao masculino e feminino. E, todas as noites, “uma mulher enlutada, às vezes um jovem vestido de preto” contempla a estátua, abraçando-a e beijando-a (RACHILDE, 1889, p. 259, tradução nossa). Novamente segundo Lecrivain, o desfecho funesto de Jacques Silvert não representa o triunfo da sociedade sobre as práticas dessa personagem, e sim uma maneira de castigar as obsessões de Raoule, que, para a época, não poderia transpor ao público suas ações privadas (LECRIVAIN, 1988, p. 109).

Além da escrita de romances, Rachilde foi a responsável pela crítica desse gênero no *Mercure de France* entre os anos de 1896 e 1914. Na rubrica “Romans”, que fez parte da “Revue du Mois”,³ expôs suas considerações sobre os livros, assinados por escritores e escritoras da época, que chegavam as suas mãos.

Rachilde: crítica literária

Nas últimas décadas do século XIX francês, os jornais e revistas foram a grande via de divulgação da matéria literária. Nesse momento, os periódicos se desenvolveram por conta de diferentes avanços técnicos, estruturais e sociais. Muitos escritores – homens, majoritariamente – consagraram-se graças a essas folhas e, por conta da subordinação financeira, renderam-se às exigências dos grandes órgãos de imprensa da época. Para contrapô-los, surgiram as *petites revues*.

No *fin-de-siècle*, as *petites revues* apareceram para dar voz aos jovens provenientes de grupos de decadentes e simbolistas, que, marginalizados, não encontravam espaços nas grandes folhas e juntos aos grandes editores. *La Plume* e *La Revue Blanche*, entre outros títulos, compuseram esse cenário junto ao *Mercure de France*. Fundada em 1890,

³ No *Mercure de France*, a “Revue du Mois” apareceu como coletânea de diferentes rubricas, que concerniam a assuntos variados.

a *série moderne* do *Mercure* foi dirigida por Alfred Vallette e contou com nomes como Henri de Régnier, Remy de Gourmont e Pierre Quillard.

Em seus “Romans”, Rachilde apresentou resenhas curtas, redigidas em primeira pessoa, nas quais referia-se a si mesma no masculino. Elementos da época, como o caso Dreyfus, permearam suas linhas. Notamos, ainda, que a literatura estrangeira fez parte de suas considerações, oferecendo-nos indícios de transferências culturais. Rachilde resenhou, por exemplo, *Fleur de l’air*, da escritora argentina Emilie Coni.⁴

Em “Romans”, são evidentes, ainda, os sinais das sociabilidades que marcaram o período. Para Pierre Bourdieu, a estrutura do campo literário é marcada por relações de disputas, que buscam manter ou modificar determinadas condições (BOURDIEU, 1991, p. 1). No cenário daqueles anos, os *-ismos* designavam movimentos que buscavam se sobrepor, em uma espécie de fluxo de evolução da literatura. No momento simbolista, de intensa oposição à expressão literária já estabelecida, desenvolveu-se uma crítica combativa, que buscava solidificar os preceitos e os entusiastas dessa estética. Nessa crítica, a defesa dos pares também funcionava como ato de afirmação, o que aparece nas linhas redigidas por Rachilde no fim da década de 1890. Quando Georges Eekhoud, escritor belga que assinava livros pela editora do *Mercure de France*, publicou, por exemplo, o romance *La faneuse d’amour*, Rachilde saiu em sua defesa, pois tal obra foi a julgamento (nov. 1990, t. 36, p. 485-498). Ademais, Rachilde valorizou os “mestres” do Simbolismo. Os simbolistas elegeram referenciais como forma de exaltação da estética. Em 1900, anos após a morte de Villiers de Lisle-Adam, na crítica de *Histoires souveraines*, Rachilde afirmou que essa obra era um “primor” e que isso se devia, também, ao fato da escolha dos contos que compõem a antologia terem sido escolhidos por Stéphane Mallarmé, outra referência dos simbolistas. Nas linhas finais, Rachilde fez a seguinte declaração, o que reforça o valor de Villiers junto aos seus próximos, chamando seu livro de obra dotada de “páginas gloriosas”:

Não se espera de mim um elogio qualquer desse livro?
Eu estou, na presença dos primeiros simbolistas, ou dos últimos românticos, um pouco como o cachorro enraivecido após a partida dos donos, rodeando furiosamente pela casa vazia, bramindo a morte, e que acredita, contudo, na profundidade de seu instinto de inocente animal fiel, que é no silêncio e nas trevas que se formam... *os deuses!* (RACHILDE, jan. 1900, t. 33, p. 189, tradução nossa).

⁴ Possivelmente, trata-se de familiar de Pablo Emilio Coni (Paul-Émile Coni), editor francês que viveu em Buenos Aires.

Para além dos elogios, a crítica de Rachilde era conhecida, igualmente, por seus ataques a diferentes escritores e escritoras. Em 1900, descreveu um embate travado por ela e por Marcel Barrière, quando da publicação de *Les ruines de l'amour*. Nesse excerto, ela afirma ter recebido correspondência de Barrière, contestando a crítica que ela fizera de seus romances. Em “Romans”, oferece a seguinte resposta a essa missiva, correspondente à trilogia do *Nouvel Don Juan*:

Sim, Senhor, eu reconheço de coração: há um esforço enorme em vossa obra, e devei ver nela apenas o esforço, o real trabalho que lhe custou; mas dele se libera para o leitor, sempre muito exigente, um perfume antigo, esse perfume que lhe faz descobrir o *outro* Don Juan, todos os outros Don Juan. Eis o que deveria ter sido evitado. Como isso teria sido evitado? Não sei. Agora, a *última epopeia* pode nos trazer uma conclusão nova, uma moral muito pessoal. Sou muito cortês para esperá-la e reler a obra inteira, isto é, quatro volumes, afim de desenvolver um julgamento definitivo, mesmo supondo, além do mais, que não vos preocupais com isso. Não será para vos agradar que o farei, mas por amor ao meu ofício, ao livre exercício, sim, de meu ofício, Senhor (RACHILDE, out. 1900, t. 36, p. 187, tradução nossa).

Em “Romans”, Rachilde explicitou sua opinião sobre romances redigidos por mulheres e sobre o movimento feminista. A relação de Rachilde com outras escritoras se deu de maneira complexa. Ao mesmo tempo em que se opunha, em sua vida e em sua obra, aos padrões estabelecidos pela sociedade da época, sua posição individualista, que considerou sua ascensão malgrado o meio predominantemente masculino no qual se inseriu, a fez negar determinadas realidades sociais e econômicas que assolavam suas contemporâneas (SOLDIN, 2011, p. 14). Se, por um lado, declarou que Camille Pert⁵ tinha muito talento (RACHILDE, mar. 1900, t. 33, p. 771), na resenha de *L'heure décisive*, romance de Henri Ardel,⁶ autora conhecida por seus livros “sentimentais”, definiu a escrita para as *femmes de lettres* como sendo aquela dos “concertos”, dos “bailes”, “das histórias dos cantores cuja a voz faz perder a razão” de uma mulher que, inocentemente, neles acreditam (RACHILDE, jan. 1900, t. 33, p. 196). Com Liane de Pougny⁷ foi ainda mais agressiva e aliou a crítica ao romance *Myrrhile* ao jornalismo. Para Rachilde, Pougny era uma mulher de muitas qualidades, mas de talento medíocre para a literatura. Assim, fez a seguinte declaração polêmica: a de que as escritoras de seu tempo se escondiam sob a máscara de um “talento insignificante” (RACHILDE, fev.

⁵ Pseudônimo da escritora francesa Hortense Rougeul.

⁶ Pseudônimo adotado por Berthe Abraham.

⁷ Dançarina, escritora e cortesã.

1900, t. 33, p. 458). No que se refere ao jornalismo, sabemos que tal atividade, a qual se dedicaram tantos escritores do século XIX, era desprezada pelos *novos* e vista como indício de subordinação – ainda que necessária para a sobrevivência de muitos deles.

A rubrica também foi espaço utilizado por Rachilde para reflexão sobre seu processo de escrita e inserção no campo literário. Em 1900, avaliou *La Jongleuse*, de sua autoria. Para ela, a tarefa de descrever o conteúdo de seu próprio livro era difícil, pois nunca conjecturava sobre seus escritos antes de saber a opinião de seus “camaradas”, que classificaram o texto em questão com elogios diversos, “metade mel, metade vinagre”. Já por conta da publicação de *Contes et nouvelles, suivis du théâtre*, afirmou:

Há, nesse pequeno volume, uma amostra de tudo o que posso fazer em literatura, e mesmo do que não sei fazer. Eu o ofereço aos meus amigos; eu imploro que meus inimigos o comprem. Ele contém o *Démon de l'absurde*, que representa minha humilde personalidade, meus ensaios no *teatro* e algumas histórias, para muitos inéditas, que não se pode, de jeito nenhum, contar às criancinhas, mas que provam, acredito, mais do que meus inúmeros romances, que posso escrever... como uma criança aplicar-se-ia.

Eu sou e serei, infelizmente! uma velha mocinha que tem medo das coisas graves... [...] Constatando, há muito tempo, essas anomalias em mim, eu poderia ter adquirido uma aparência digna e buscado, como meus camaradas, tomados pelas mesmas pequenas nevroses, impô-las aos bons leitores e a fazê-los acreditar que minha moral superava, e muito, a do Nosso Senhor Jesus Cristo. Isso me pareceu pueril! Eu não me orgulho de meus defeitos, muito menos de minhas qualidades, pois me imagino claramente sem qualquer qualidade, e me contento em escrever apaixonadamente no momento em que escrevo...” (RACHILDE, dez. 1900, t. 36, p. 791, tradução nossa).

Nas linhas de seus “Romans”, Rachilde trouxe aos leitores e leitoras do *Mercure de France* não apenas considerações acerca daquilo que se publicava na virada do século XIX, mas, também, elementos que, ainda hoje, permitem-nos melhor compreender as relações que marcaram o campo literário e, por fim, a atuação de uma mulher nos movimentos do *fin-de-siècle*.

Considerações finais

Ao transitar nos meios decadentistas e simbolistas – que incluíam cafés, salões, redações de revistas, entre outros espaços – Rachilde não apenas divulgou a sua produção, mais foi parte de eventos de sociabilidades que marcaram o momento em que viveu.

Em seus romances, mostrou-se avessa às regras que ditavam o comportamento feminino. Em sua crítica literária, Rachilde levou ao público de sua época uma análise

particular dos livros que recebia, muitas vezes mostrando-se combativa e defendendo, também, a escrita de si mesma.

Referências

Periódico

Mercure de France (Paris. 1890). 1890-1965.

BOURDIEU, Pierre. Le champ littéraire. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 89, septembre 1991. Le champ littéraire.

GOURMONT, Remy de. *Le livre des masques: portraits symbolistes, gloses et documents sur les écrivains d'hier et d'aujourd'hui*. 3 ed. Paris, Société du Mercure de France, 1896.

LECRIVAIN, Claudine. Rachilde: *Monsieur Vénus*. *ESTUDIOS de lengua y literatura francesas*. Cádiz, 1988, pp. 101-110. Disponível em: <http://rodin.uca.es/xmlui/handle/10498/9531>. Acesso em: 15/07/2018.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução de Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

RACHILDE. *Monsieur Vénus*. Préface de Maurice Barrès. Paris: Félix Brossier Éditeur, 1889.

SOLDIN, Adeline. Exploring the Ambiguities of Feminism with Rachilde. In: ANGELO, Adrienne; FÜLÖP, Erika (Edit.). *Cherchez la femme: Women and Values in the Francophone World*. Cambridge Scholars Publishing, 2011.